

O QUE PENSAM OS PENSADORES DA ECONOMIA NO BRASIL? UM ESTUDO EMPÍRICO SOBRE A PRODUÇÃO EM HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO E METODOLOGIA NO BRASIL – 2004-2013

RESUMO

O artigo investigou a produção em HPE/Metodologia no Brasil entre os anos de 2004-2013 a partir dos artigos apresentados nos congressos da ANPEC e da SEP. Os objetivos principais do artigo foram verificar se há uma possível influência da HPE/Metodologia em outras subáreas da economia e quantificar os principais teóricos estudados pelos pesquisadores brasileiros. Verificou-se que há influência de autores de HPE/Metodologia em outras áreas, principalmente no congresso da SEP e, em menor grau, na ANPEC. Verificou-se ainda que autores brasileiros concentram seus estudos em autores clássicos (Smith, Marx, Keynes, Furtado). Ao mesmo tempo, há uma enorme dispersão de outros autores estudados, principalmente no congresso da SEP.

Palavras-Chave: História do Pensamento Econômico; Metodologia; SEP; ANPEC.

ABSTRACT

The article investigated the production in HET/Methodology in Brazil between 2004-2013 at the Meetings of SEP and ANPEC. The main objectives of the article were 1. To check if HET/Methodology can influence other subareas of Economics and 2. To quantify the main economists studied by Brazilian HET/Methodology researchers. It was found that HET/ Methodology authors influence other areas, mainly at the SEP Meetings, and, to a lesser degree, at ANPEC. It was also found that Brazilian authors concentrate their investigations in classical authors (Smith, Marx, Keynes, Furtado). At the same time, there is an enormous dispersion in the reserached HET/Methodology authors, mainly at the SEP Meetings.

Keywords: History of Economic Thought; Methodology; SEP; ANPEC.

Artigo submetido às SESSÕES ORDINÁRIAS

Área 1: Metodologia e História do Pensamento Econômico

1.1 Metodologia e Caminhos da Ciência.

O QUE PENSAM OS PENSADORES DA ECONOMIA NO BRASIL? UM ESTUDO EMPÍRICO SOBRE A PRODUÇÃO EM HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO E METODOLOGIA NO BRASIL – 2004-2013

Emmanoel Boff (Professor Adjunto da UFF)

Conrado Chen Krivochein (Mestre em Economia – UFBA)

1. Introdução

Ao contrário de muitos países onde a História do Pensamento Econômico (HPE) deixou de ser cadeira obrigatória para a formação do economista desde os anos 1970 (WEINTRAUB 2002), no Brasil a situação é diversa¹: não apenas as matérias em HPE e metodologia são obrigatórias na graduação, como, por vezes, fazem parte do ementário obrigatório da pós-graduação de alguns cursos². Qual seria a importância da HPE dentro da diversidade de temas e interesses do que se estuda hoje academicamente na área de economia no Brasil? Seria o estudo de HPE útil para um pesquisador que não apenas deseja estudar alguma idéia econômica do passado, mas que deseja aplicá-la para o estudo de um problema atual?

Este trabalho pretende jogar alguma luz sobre as perguntas acima. Mais especificamente, pretende-se investigar 1. os números da produção em HPE e Metodologia, considerando os principais (e únicos) congressos no país onde podemos encontrar uma grande diversidade de trabalhos voltados à área; 2. quais são os autores mais pesquisados em HPE no Brasil nos últimos dez anos; 3. se há concentração ou diversidade dentre os teóricos mais pesquisados no âmbito da HPE e Metodologia; e finalmente, 4. qual a influência da HPE e Metodologia para a produção de artigos em outras áreas da Economia. Estes são os quatro **objetivos centrais** desse artigo.

Para realizar estes objetivos, decidimos recortar como **objeto de pesquisa** os artigos apresentados em dois dos principais congressos na área de economia no Brasil de 2004 a 2013: os congressos da Sociedade de Economia Política (SEP) e da Associação Nacional de Pós-Graduação em Economia (ANPEC). O motivo para a escolha desses dois congressos é seu alcance nacional e o fato de eles agregarem pesquisadores em

¹ Ver, por exemplo, a diretriz curricular de 2007 do MEC para a área de ciências econômicas: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/rces004_07.pdf, principalmente os artigos 4º e 5º.

² Por exemplo, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

economia das mais diferentes áreas, sem ênfase nesta ou naquela subárea específica da economia. Além disso, tais congressos funcionam como fóruns onde os pesquisadores das mais diferentes áreas, escolas e interesses em economia apresentam e discutem trabalhos que estão em desenvolvimento e que futuramente poderão ser publicados em revistas e periódicos especializados. Devemos esclarecer, contudo, que nosso objeto de estudo *não contempla* toda a produção acadêmica desenvolvida no Brasil na área de Economia. Entretanto, cremos que a utilização desses dois congressos pode funcionar como uma aproximação razoável dos temas e interesses dos pesquisadores em economia no Brasil – e também do lugar que a HPE e a Metodologia podem ocupar nestas pesquisas.

Para que pudéssemos manipular o material empírico à disposição – os artigos apresentados nos congressos da SEP e ANPEC nos últimos 10 anos – precisamos tomar algumas decisões metodológicas. Estas decisões se referem tanto ao critério com que classificar os artigos como pertencendo à área da HPE e/ou Metodologia quanto à influência da HPE/Metodologia em outras áreas da economia. Tais considerações metodológicas são necessárias por duas razões: a primeira é que a classificação das áreas de pesquisa da ANPEC e SEP não são compatíveis uma com a outra, além de não permanecerem fixas nos últimos 10 anos. A segunda razão é que não há uma uniformização das ementas das disciplinas de HPE e Metodologia nas faculdades nacionais. Ou seja, não podemos recorrer a uma definição da comunidade de pesquisadores de economia sobre qual o conteúdo específico da HPE e da Metodologia. Desta forma, na sessão de **metodologia** abaixo explicaremos com maior detalhamento os procedimentos de classificação utilizados neste artigo.

A **justificativa** para este trabalho é dupla: primeiramente, embora haja pesquisas realizadas em história do pensamento econômico brasileiro (MALTA 2011), não há, até onde vai nosso conhecimento, uma pesquisa *empírica* sobre a HPE e Metodologia feita no Brasil e que envolva *não só* autores brasileiros. Ou seja, não há conhecimento de quais e quantos autores – brasileiros ou não – mais interessam aos pesquisadores brasileiros, tanto na área de HPE quanto na de Metodologia.

Desta forma, e em segundo lugar, o artigo gostaria de verificar se a HPE e a Metodologia efetivamente podem contribuir para a construção de modelos e difusão de diferentes perspectivas sobre os problemas econômicos estudados em outras subáreas da economia. Em outras palavras, este tipo de trabalho, se bem sucedido, pode ajudar a verificar empiricamente se a HPE e a Metodologia influenciam de fato outras áreas da

economia no Brasil. cremos que é nesse ponto que se encontra a possível **novidade** deste artigo.

Conclui-se o artigo mostrando que a produção de HPE no Brasil é bastante diversa, principalmente no caso do congresso da SEP. Ao mesmo tempo grande parte dessa produção concentra-se em grandes figuras do pensamento econômico, como Marx, Keynes, Smith e Celso Furtado.

2. Metodologia

2.1 O problema inicial: a possível “superclassificação” de artigos como pertencentes à área de HPE

A principal questão que se nos apresentou diz respeito à definição de quais artigos seriam considerados HPE/Metodologia e quais seriam influenciados por HPE/Metodologia. Ou seja, logo de início um problema metodológico se impôs: por um lado, como afirmamos na Introdução deste artigo, as classificações das diversas subáreas da economia, tanto dos congressos da SEP como da ANPEC, mudaram nos últimos anos. Por outro lado, não há um currículo uniforme com as matérias de HPE/Metodologia entre as muitas faculdades brasileiras de economia. Desta forma, o tipo de artigo que o congresso da SEP pode considerar como HPE/Metodologia poderia não ser exatamente equivalente ao tipo de artigo que a ANPEC considera como HPE/Metodologia. Por sua vez, cada faculdade – e, no limite, cada professor – pode fornecer diferentes perspectivas sobre as contribuições que a HPE/Metodologia podem dar à economia, mesmo em se tratando dos mesmos autores.

De fato, como sugere o Documento de 2013 da Área de Economia da Comissão Trienal da CAPES (ver http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Economia_doc_area_e_comiss%C3%A3o_16out.pdf) para avaliação dos cursos de graduação em economia no Brasil, a tangência e intersecção da economia com outras áreas (como a ciência política, história, administração de empresas, relações internacionais, ciências contábeis, entre outras) é potencialmente grande. Conquanto este seja um ponto positivo na nossa área – haja vista que a complexidade do mundo moderno demanda estudos e metodologias de pesquisa inter e transdisciplinares (ver SANTOS 2003 e MORIN 2000), para fins deste artigo tal característica pode ser

limitadora. Como o próprio documento da CAPES supracitado indica, “os coordenadores [da pós graduação em economia] identificaram ainda grande dificuldade em traçar o limite do que é estritamente da área de economia”. Este diagnóstico se reflete na relativa falta de uniformidade quanto à classificação e o papel da HPE/Metodologia no ensino da economia nas diversas faculdades no Brasil bem como nos congressos da SEP e da ANPEC. Destacamos que dentre os 3.436 artigos – 2.131 da ANPEC e 1.305 da SEP – aqui analisados, apesar da concentração nos principais autores (Marx, Keynes, Smith e Furtado) ser evidente, nos últimos dez anos podemos identificar uma maior diversidade com ênfase em autores como Schumpeter, Minsky, Ricardo, Lukács e Hilferding. Isso ocorre ao mesmo tempo em que a variação de distintos autores analisados em HPE/Metodologia nestes artigos vem se ampliando juntamente com o crescente aumento de artigos apresentados, tanto na SEP como na ANPEC entre 2004-2013, o que indica uma certa pluralidade no campo de conhecimento da área. Analisaremos esses dados com mais cuidado na seção 3.

Desta forma, as especificidades e interesses dos docentes e pesquisadores de cada centro acabam por gerar ementas e disciplinas distintas de HPE/Metodologia para cada faculdade. Esta característica da área de economia vai também influir na mudança das categorias da classificação das áreas dos congressos da SEP e da ANPEC com o passar dos anos. Embora tais mudanças não tenham sido radicais no período de estudo aqui incluído (2004-2013), no longo prazo elas tendem a evidenciar o fato de que o conhecimento na área de economia, enquanto prática humana concreta, pode mudar bastante.

Como consequência dessa característica da área de economia, foi necessário elaborar um critério próprio de classificação de artigos que tentasse dar conta tanto da diferença entre os congressos da SEP e ANPEC como da pluralidade de visões que distingue a produção científica em economia no Brasil. Como realizar tal empreitada?

A questão de fundo que se nos colocou é acerca da importância da tradição no desenvolvimento da atividade científica. No esteio da contribuição que os críticos da tradição neopositivista (ou lógico positivista) como Popper (1963), Kuhn (1970 [1962]) e Feyerabend (1978) nos deram nas últimas décadas, sabemos que a atividade científica se desenvolve sempre dentro de uma comunidade de pesquisadores com certos interesses, visão de mundo e tradição de pensamento. No entanto, isso nos leva a correr o risco de classificar uma imensa gama de artigos como pertencentes à área de HPE ou como influenciados por ela. Na verdade, no limite *todos os artigos* poderiam ser

classificados como de HPE/Metodologia, já que invariavelmente se filiam a uma ou outra tradição de pensamento. Ou seja, inicialmente identificamos um viés para uma “superclassificação” de vários artigos como pertencentes e/ou influenciados pela área de HPE, já que o conhecimento é tradicional e evolui no tempo.

2.2 Adotando um critério de classificação

Este é, portanto, problema inicial com que nos defrontamos. Como derivados dessa questão mais ampla, havia o problema de como separar também 1. Os artigos propriamente de HPE; 2. Os artigos de metodologia; e 3. Os artigos que seriam influenciados por HPE e/ou Metodologia.

Começamos com o problema de definir os artigos como HPE. Adotamos uma postura metodológica que nos garantisse um princípio que nos pareceu razoável para a classificação de artigos como pertencentes à área de HPE/Metodologia. A partir dos trabalhos de David Dequech (2007), John Davis (2009) e David Colander et al. (2004), definimos uma tradição estabelecida de pensamento econômico (que podemos, embora não sem problemas, chamar de *mainstream*), caracterizada pela ênfase no comportamento racional dos agentes, no estudo do comportamento maximizador sob restrição e desconsideração de incerteza fundamental (ver Dequech, 2007). *Os artigos que se utilizam desta tradição para abordar algum problema econômico específico, concreto e atual não serão considerados como sendo de HPE.*

Tal postura pode dar a entender que não há uma história do pensamento econômico do *mainstream*. Contudo, não é esta nossa ideia. Antes disso, nosso ponto é que certos elementos da tradição *mainstream* estão hoje sedimentados em manuais de economia largamente utilizados nos cursos de graduação e pós-graduação em nossa área. Deste modo, não é necessário para a leitura desses manuais um estudo dos pensadores que contribuíram para solidificar essa tradição tal qual se desenvolveu até chegar neles. Seguindo Arida (2003), a economia seria uma ciência “dura” nesta tradição, à semelhança da física. Seu passado, embora possivelmente interessante, não seria necessário para a abordagem de problemas econômicos concretos e atuais.

Somados a artigos deste tipo, aqueles com ênfase em métodos quantitativos e teoria dos jogos também não foram considerados, em princípio, como HPE. A razão para isso está no fato de que, como no caso anterior, *não é necessário o estudo da história dos métodos quantitativos ou teoria dos jogos para que se faça uma aplicação concreta e*

atual dos mesmos. Desta forma, os artigos que abordem problemas econômicos com o viés de teoria dos jogos e métodos quantitativos não serão considerados como HPE.

Como já colocamos no parágrafo acima, é evidente que a tradição que estamos chamando de *mainstream* também possui uma história. Artigos que abordem algum aspecto *histórico* da teoria dos jogos ou do desenvolvimento da microeconomia *mainstream*, por exemplo, serão claramente considerados como HPE. Por exemplo, a investigação sobre algum autor que contribuiu na elaboração de um teorema ou definiu certos limites de aplicabilidade de alguma teoria foi considerada como HPE.

E quanto a artigos que não são propriamente de HPE, mas são *influenciados pela HPE*? Como verificar tal influência? É importante esclarecer este ponto, haja vista que a novidade de nosso artigo se encontra justamente neste objetivo. Adotamos uma postura empírica para verificarmos se existe tal influência: um artigo que trate de um tema de macro ou microeconomia deve *explicitamente citar um determinado autor de HPE no corpo do seu texto e na sua bibliografia*. Além disso, tal autor deve, em algum grau, ser relevante para o argumento principal do artigo. Logo, alguns artigos de micro ou macroeconomia, por encontrarem nos autores da HPE e/ou Metodologia uma influência *explícita* para suas análises, são considerados influenciados pelos autores da HPE e/ou Metodologia que são referenciados nestes artigos.

O uso da expressão “em algum grau” no parágrafo acima demonstra que não usamos um critério de classificação 100% preciso, ou *aritmomórfico*, no conceito de Georgescu-Roegen (1999 [1971], cap. 2). Antes, preferimos adotar um critério do tipo dialético, (também segundo a acepção de Georgescu-Roegen), de forma a captar nuances no uso de um autor do passado pelos pesquisadores brasileiros. Exemplificando: um artigo que se filia a uma linha “schumpeteriana” ou “neoschumpeteriana” (bem como “marxista”, “smithiana” ou “ricardiana”) e usa tais expressões diversas vezes não necessariamente buscou *no próprio Schumpeter* alguma inspiração para seu argumento. Segundo nossa metodologia, tal artigo *não será* considerado como sendo influenciado por Schumpeter, pois não podemos afirmar com alta probabilidade que ele se baseia, de fato, no que o próprio Schumpeter escreveu. Em contrapartida, um outro autor pode citar algum trecho de uma obra de Schumpeter apenas uma vez, mas de forma que tal citação seja central para o desenvolvimento do argumento do artigo. Neste caso, é bastante provável que o autor tenha lido, em algum momento, *o próprio Schumpeter* para desenvolver seu argumento. Desta forma, consideramos que tal autor, mesmo que tenha usado Schumpeter apenas uma vez, foi influenciado por ele.

Por fim, vamos abordar o problema de definir o artigo como sendo de Metodologia. Neste caso, o autor do artigo deve fazer uso de *autores que procurem analisar/criticar/contrastar sejam conceitos, metodologias, interpretações ou abordagens alternativas àquelas que identificamos acima como pertencentes ao mainstream da economia*. Neste caso, não é necessário que o autor esteja preso a algum autor ou episódio *passado* na história das ideias. É possível inclusive que o autor trate de um problema específico e concreto (por exemplo, a crise financeira de 2008, estudada em muitos artigos), mas sempre com uma postura de análise, crítica ou contraste com outras abordagens que não a abordagem *mainstream*.

2.3 Limites do critério de classificação adotado neste artigo

Em linhas gerais, esses são os critérios que adotamos para classificar os artigos como sendo de HPE, de Metodologia bem como aqueles que, embora não sejam estritamente classificados como HPE ou Metodologia, são influenciados por HPE/Metodologia. Acreditamos que a abordagem delineada na subseção 2.2 acima é geral o suficiente para dar conta das mudanças nas classificações das áreas da economia nos congressos da SEP e ANPEC, bem como da pluralidade da produção brasileira na área de economia. Ao mesmo tempo, o critério de achar empiricamente os autores de HPE/Metodologia citados nos artigos evita que façamos uma classificação ampla em demasia.

Tal procedimento não é perfeito, contudo. Na prática, vários autores flertam com temas heterodoxos em grau maior ou menor em suas carreiras, mesmo que eles sejam normalmente associados a uma tradição ortodoxa (ver como exemplo a contribuição de BOIANOVSKY E BACKHOUSE, 2006). Há também autores que podemos chamar de “híbridos”, cujas contribuições principais não se encaixam bem como pertencendo ao recorte que propusemos chamar de *mainstream*. O próprio pensamento de um autor como Keynes, por exemplo, carrega características da tradição neoclássica (ver, por exemplo, BRADY, 1995). Autores contemporâneos como Samuel Bowles, Herbert Gintis e Douglass North contém elementos heterodoxos em seus estudos, embora carreguem também características do que definimos como *mainstream*. Nestas situações, há que se utilizar de descrição, ainda de modo dialético como afirmamos na seção anterior: quando se utiliza das características do *mainstream* associadas a esses autores para abordar um problema econômico, tais autores *não são* considerados como

pertencendo à HPE/Metodologia. Entretanto, se os conceitos produzidos por esses autores “híbridos” são utilizados/contrastados/criticados em um artigo, *eles entram* como participando de um trabalho de Metodologia.

Por outro lado, sempre que um artigo se utilizar de autores/temas do passado, ou fizerem uso *explícito* deles em sua elaboração, eles serão considerados ou como pertencendo à linhagem de HPE ou como sendo influenciados por ela. A ênfase na necessidade do uso explícito se dá pela postura empírica que decidimos adotar neste artigo. Em outras palavras, é necessária a citação de um autor/obra do passado para o desenvolvimento do argumento do artigo.

Tendo por base estas observações metodológicas, podemos agora partir para a apresentação dos dados obtidos.

3. Análise dos dados obtidos

3.1 Obtenção dos dados

Os dados foram obtidos consultando-se os sites da ANPEC e SEP (disponíveis em www.sep.org.br e www.anpec.org.br), onde os artigos estão disponíveis para visualização e consulta. Não houve problemas para a obtenção da maioria dos dados dos artigos, com exceção do ano de 2006 na SEP, onde o link para vários artigos não estavam disponíveis para visualização. A saída, neste caso, foi verificar se os artigos estavam disponíveis em versões alternativas, seja em revistas especializadas ou em textos para discussão. Observe-se que a quase totalidade dos artigos foi encontrada em formato alternativo. O mesmo se sucede com artigos cujos links foram removidos a pedido do autor (é o caso, por exemplo, do professor David Dequech, da UNICAMP, que produz trabalhos na área de metodologia econômica, na nossa classificação). No caso de não serem achadas versões alternativas dos artigos, decidimos excluir o artigo por precaução metodológica.

3.2 Análise dos dados: o total de artigos apresentados nos congressos da SEP e da ANPEC e a participação da HPE/Metodologia no total de artigos

Como já destacamos anteriormente, a presente análise contemplou um total de 3.436 artigos apresentados em conjunto pela ANPEC e pela SEP no período de 2004-2013, abrangendo uma década de realização anual destes eventos. A proximidade na realização destes congressos – SEP em junho e ANPEC em dezembro – é identificada

também quando os mesmos autores publicam um mesmo artigo de temática similar em ambos os congressos no mesmo ano. Por estarmos considerando os dois congressos como sendo eventos distintos, o levantamento realizado aqui contempla as duas publicações como apresentações também distintas em cada evento.

Em um primeiro momento, fizemos uma análise distinta de cada congresso, considerando a grande quantidade de artigos e a grande diversidade de autores de HPE/Metodologia. A Tabela 1 mostra os dados da ANPEC no período de 2004-2013, tendo em vista os critérios metodológicos adotados e explicitados na seção 2 do artigo. Similarmente, a Tabela 2 é referente à SEP 2004-2013.

TABELA 1 - Quantidade de Artigos da ANPEC de HPE/Metodologia e que são Influenciados pela HPE de 2004-2013

Ano	HPE/Metodologia (a)	Influência da HPE (b)	Total HPE (c)	Total de Artigos (d)	Participação (%)				
					a/c	b/c	a/d	b/d	c/d
2004	13	3	16	158	81,25	18,75	8,23	1,90	10,13
2005	17	5	22	174	77,27	22,73	9,77	2,87	12,64
2006	11	7	18	183	61,11	38,89	6,01	3,83	9,84
2007	9	9	18	177	50,00	50,00	5,08	5,08	10,17
2008	14	7	21	212	66,67	33,33	6,60	3,30	9,91
2009	22	5	27	234	81,48	18,52	9,40	2,14	11,54
2010	12	1	13	237	92,31	7,69	5,06	0,42	5,49
2011	20	1	21	248	95,24	4,76	8,06	0,40	8,47
2012	17	5	22	254	77,27	22,73	6,69	1,97	8,66
2013	19	6	25	254	76,00	24,00	7,48	2,36	9,84
TOTAL	154	49	203	2131	75,86	24,14	7,23	2,30	9,53

Fonte: Elaboração própria dos autores.

TABELA 2 - Quantidade de Artigos da SEP de HPE/Metodologia e que são Influenciados pela HPE de 2004-2013

Ano	HPE/Metodologia (a)	Influência da HPE (b)	Total HPE (c)	Total de Artigos (d)	Participação (%)				
					a/c	b/c	a/d	b/d	c/d
2004	23	11	34	110	67,65	32,35	20,91	10,00	30,91
2005	24	11	35	118	68,57	31,43	20,34	9,32	29,66
2006	47	19	67	128	70,15	28,36	36,72	14,84	52,34
2007	22	6	28	128	78,57	21,43	17,19	4,69	21,88
2008	35	7	42	135	83,33	16,67	25,93	5,19	31,11
2009	28	10	38	161	73,68	26,32	17,39	6,21	23,60
2010	20	10	30	113	66,67	33,33	17,70	8,85	26,55
2011	35	5	40	128	87,50	12,50	27,34	3,91	31,25
2012	31	25	56	141	55,36	44,64	21,99	17,73	39,72
2013	29	20	49	143	59,18	40,82	20,28	13,99	34,27
TOTAL	294	124	419	1305	70,17	29,59	22,53	9,50	32,11

Fonte: Elaboração própria dos autores

A coluna (a) refere-se ao total de artigos *exclusivamente* de HPE/Metodologia apresentados, sempre segundo os critérios que adotamos na seção 2. A coluna (b), que sinaliza a novidade deste artigo, procura captar os artigos que sofrem influência de HPE/Metodologia, mas *não são* da área de HPE/Metodologia. A coluna (c) – total HPE

– refere-se à soma de (a) e (b), enquanto a coluna (d) aponta para o total de artigos apresentados no ano em questão, tanto de HPE/Metodologia como os de outras áreas. A diferença entre os dois congressos mostrada pelos dados acima justifica sua análise em separado. Uma análise em conjunto dos congressos da SEP e da ANPEC tenderia a obscurecer a grande diferença de ênfase que os dois congressos possuem com relação à HPE/Metodologia e a possível influência delas em outras áreas da economia.

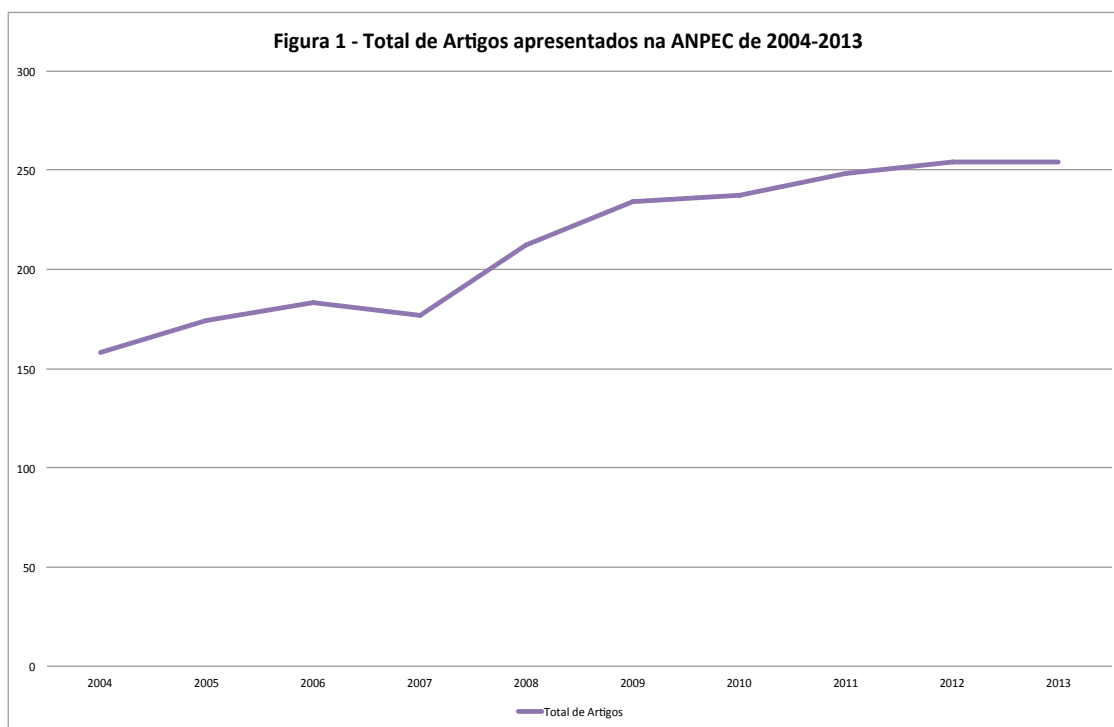
Primeiramente, analisemos apenas a quantidade numérica de artigos apresentados. A quantidade superior de artigos publicados na ANPEC no período, totalizando 2.131, mostra a maior magnitude do evento com relação à SEP, que totaliza 1.305 artigos no geral. No entanto, a SEP revela-se como um congresso mais influente em HPE/Metodologia, como podemos observar na coluna (a). Nos últimos dez anos, encontramos 294 artigos de HPE/Metodologia apresentados na SEP, indicando uma participação de 22,5% sobre o total apresentado, enquanto que na ANPEC, apesar de contemplar um número total de artigos largamente maior, soma 154 artigos em HPE/Metodologia, com a participação de 7,2%.

O Congresso da SEP também tende a apresentar artigos influenciados por pensadores de HPE/Metodologia: cerca de 9,5% (representados pela razão das colunas (b)/(d)) dos artigos apresentados fez uso relevante para sua argumentação de pelo menos um autor de HPE/Metodologia. Em contrapartida, na ANPEC apenas 2,3% dos artigos se mostraram permeáveis a influências de autores de HPE/Metodologia nos últimos 10 anos. Este dado sugere que a fronteira que separa a HPE/Metodologia das demais áreas da economia – macro, micro, história econômica etc. – é mais permeável no caso da SEP. Em termos mais precisos, é maior a probabilidade de um autor que participe do congresso da SEP de usar na sua argumentação – mesmo na área de micro ou macroeconomia -- teóricos que usem uma metodologia de pesquisa *não-mainstream* na sua área ou cuja contribuição teórica se deu já há no mínimo algumas décadas. Tais dados levam a crer que o congresso da SEP se estabelece como um evento mais propício – ou, como dissemos, mais permeável -- a debates no âmbito da HPE/Metodologia. Por outro lado, o congresso da ANPEC, embora ofereça uma área a teóricos que investiguem a HPE/Metodologia, parece delimitar mais claramente o que pertence à área de HPE/Metodologia e o que não pertence a essa área.

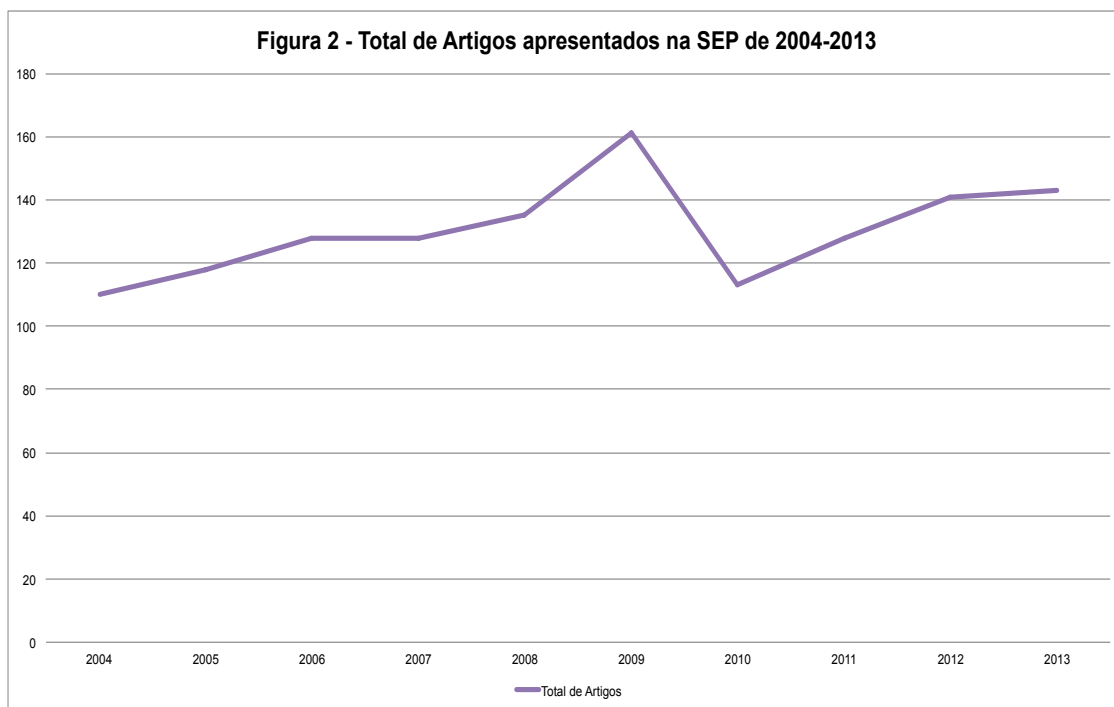
Como já observado no item 2.1, observa-se que nos últimos anos o número total de artigos apresentados tanto no congresso da SEP como no da ANPEC exibiu uma tendência leve de aumento, como mostram as figuras 1 e 2 abaixo. Por sua vez, o

percentual de artigos na área de HPE/Metodologia variou, nos últimos 10 anos, de 5,1% a 9,8% (no caso da ANPEC) e de 17,4% a 36,7% (no caso da SEP) – quase 20 pontos percentuais. Esta variabilidade maior na SEP talvez possa ser explicada pela maior permeabilidade das áreas do congresso da SEP a autores que façam uso da HPE/Metodologia, como já mencionamos no parágrafo anterior.

Somente a título de exemplo, pode-se afirmar que uma área como “Economia Política, Capitalismo e Socialismo”, da SEP, pode naturalmente convidar os autores ao uso de teóricos clássicos como Smith, Ricardo ou Marx. Contudo, a área também abre espaço a temas mais atuais, como a crise de 2008, sem fazer referência necessária a autores clássicos. Deste modo, é possível que em um determinado ano os autores que apresentem trabalhos nessa área foquem suas pesquisas em teóricos do passado, enquanto que no ano seguinte, tal foco se desloque para temas e autores mais atuais (e que não farão parte da área de HPE/Metodologia). Tal permeabilidade é mais difícil de ser observada na ANPEC, haja vista que não há uma área equivalente a “Economia Política, Capitalismo e Socialismo” nesse congresso. Somente a título de exemplo, é pouco provável que uma área como “Microeconomia, Métodos Quantitativos e Finanças”, da ANPEC, aborde quaisquer autores de HPE/Metodologia (embora eles possam ser citados *en passant*, como de fato às vezes o são).



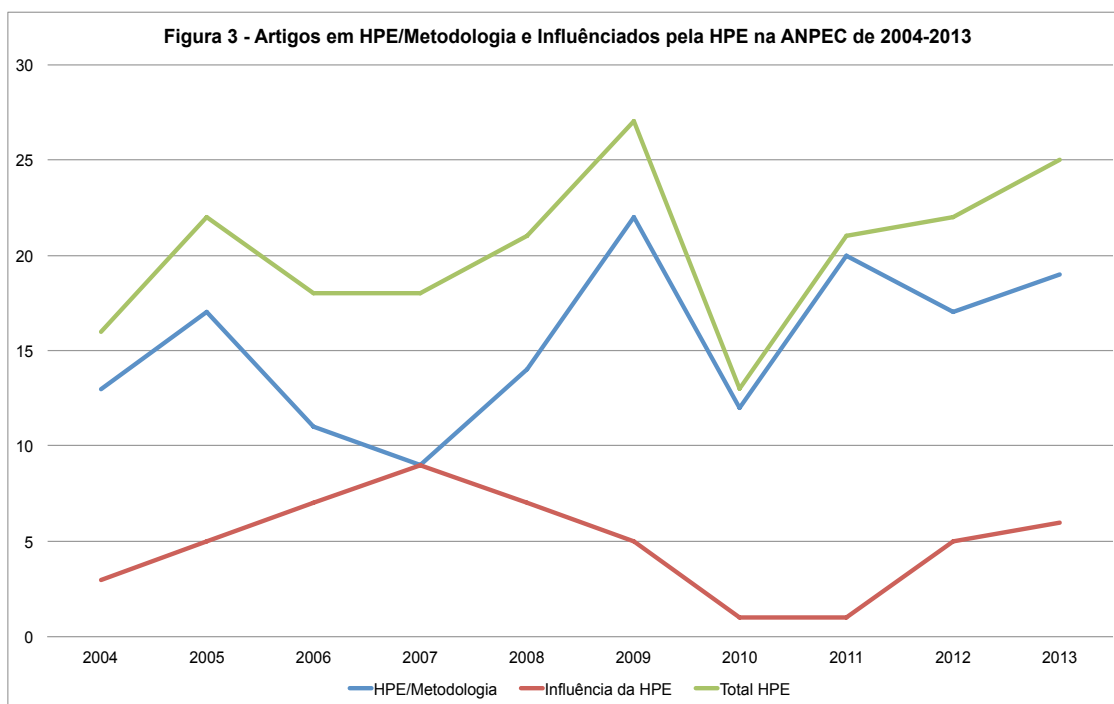
Fonte: Elaboração própria dos autores



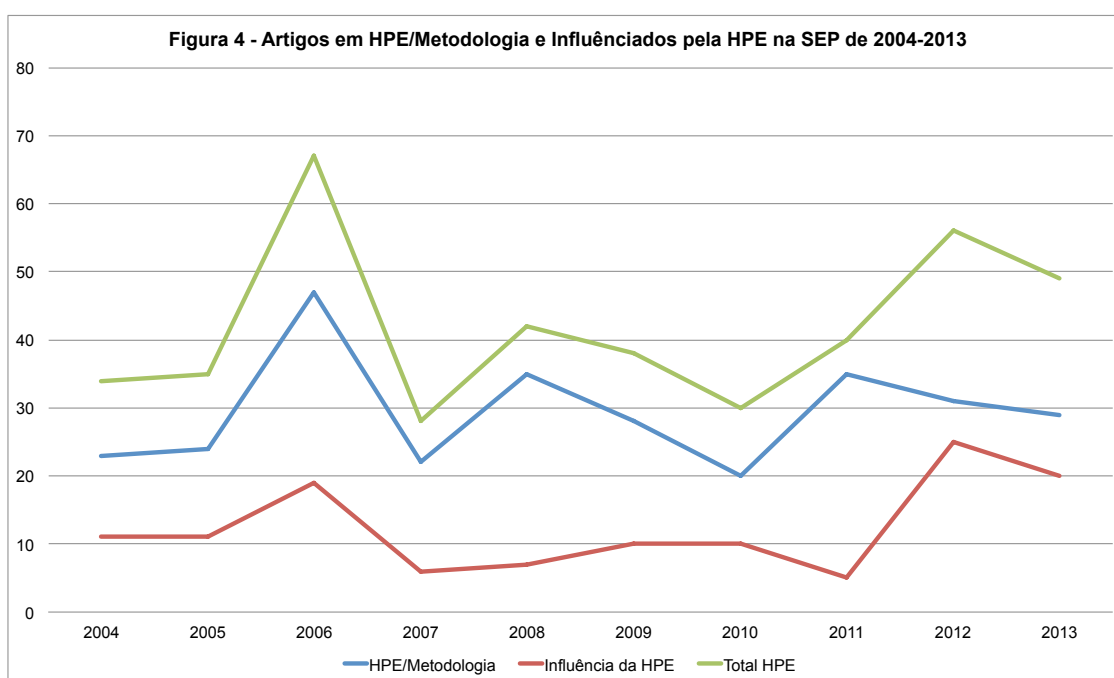
Fonte: Elaboração própria dos autores

As Figuras 3 e 4 abaixo explicitam o fenômeno que viemos chamando de “permeabilidade” dos artigos da SEP a autores de HPE/Metodologia. Enquanto na ANPEC o número de autores influenciados por HPE/Metodologia (mas que não pertencem a essa área) chega a cair a quase zero nos anos de 2010 e 2011, na SEP tal número é menor que 10 em apenas 3 anos.

Ademais, observa-se que o movimento de autores influenciados por HPE/Metodologia acompanha o total de artigos em HPE na SEP, o que não ocorre na ANPEC. Ou seja, por dois anos (2010 e 2011) quase não houve autor *fora* da área de HPE/Metodologia que tenha sido influenciado por algum autor de HPE/Metodologia. Contudo, tal tendência pode estar se alterando: a criação em 2013 de uma área de Economia Política na ANPEC sinaliza a possível presença futura de artigos que tratem de temas como economia política internacional ou história econômica e que sejam influenciados pela HPE/Metodologia. Os dados de 2013 parecem sugerir um movimento nesta direção, como mostra a Figura 3 abaixo.



Fonte: Elaboração própria dos autores

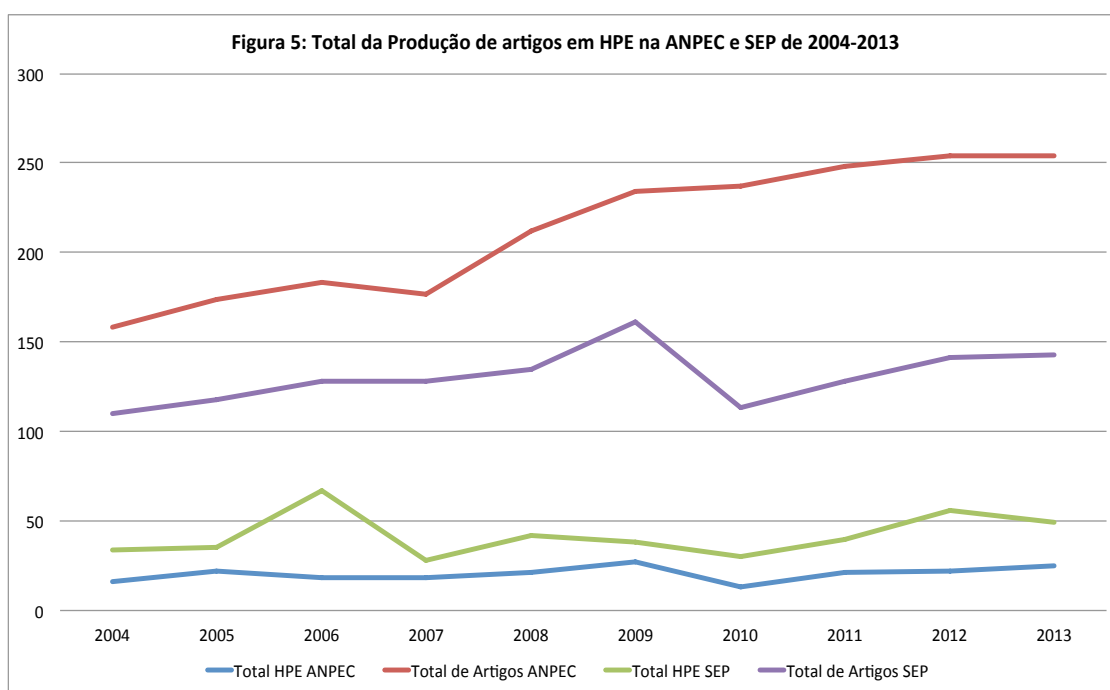


Fonte: Elaboração Própria dos autores

Por fim, a figura 5 abaixo dá uma visão panorâmica do que ocorre com a área de HPE/Metodologia tanto na SEP quanto na ANPEC em conjunto nos últimos 10 anos: a ANPEC é o congresso onde há maior apresentação de artigos no geral, em todos os anos investigados. Observa-se ainda que há uma tendência a um aumento da distância que

separa os dois congressos com relação ao total de artigos apresentados, quando se compara os dados de 2004 e 2013.

Contudo, quando considerados o item HPE Total – que engloba tanto artigos tanto exclusivamente de HPE/Metodologia como aqueles influenciados por HPE/Metodologia – vemos que a SEP possui um número maior de artigo em todos os anos. Contudo, até onde nossos dados mostram, não parece haver uma tendência nem de queda no número total de artigos de HPE/Metodologia durante todo o período analisado, nem na diferença do número total de artigos que separa os congressos da ANPEC e SEP.



Fonte: Elaboração própria dos autores.

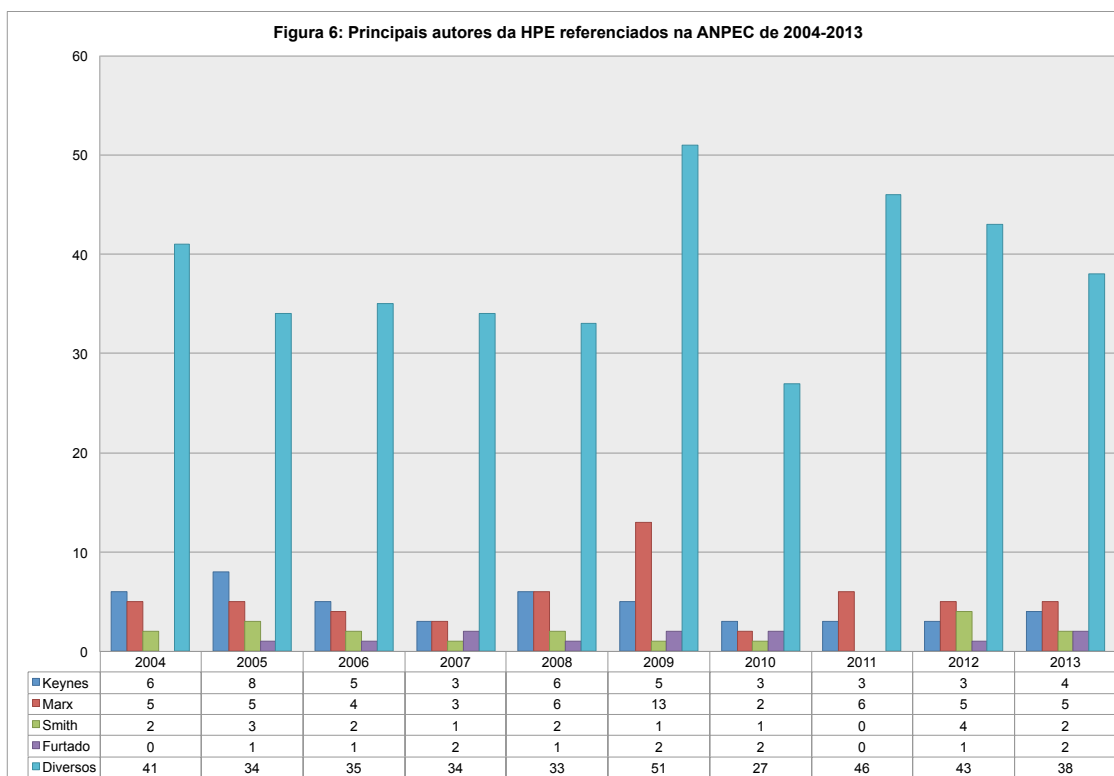
3.3 Os teóricos mais utilizados pelos autores na SEP e na ANPEC

Como colocamos na Introdução deste artigo, um de nossos objetivos era verificar quais são os teóricos em HPE/Metodologia mais utilizados pelos pesquisadores brasileiros. Como já mencionamos, este ponto pode sinalizar uma possível pluralidade do pensamento econômico brasileiro, bem como possíveis linhas de pesquisas alternativas ao que definimos como o *mainstream* da ciência econômica.

Como na subseção anterior, os contrastes entre os congressos da SEP e da ANPEC aconselham que se faça uma análise separada dos dois, para que possamos

identificar as especificidades de cada um deles e não se homogeneíze a produção em HPE/Metodologia quando se somam os dados dos dois congressos.

Começemos, assim, com os principais autores referenciados nos artigos da ANPEC entre 2004-2013. Como se pode perceber, Keynes e Marx são os dois autores mais referenciados nos últimos dez anos entre os artigos influenciados por HPE/Metodologia e aqueles exclusivos dessa área. Apenas como esclarecimento, o número “6” indicado para Keynes em 2004 na ANPEC (veja figura 6 logo abaixo) significa que, do total de artigos exclusivamente de HPE/Metodologia somados àqueles influenciados por HPE/Metodologia, Keynes foi relevante para a argumentação de 6 deles.

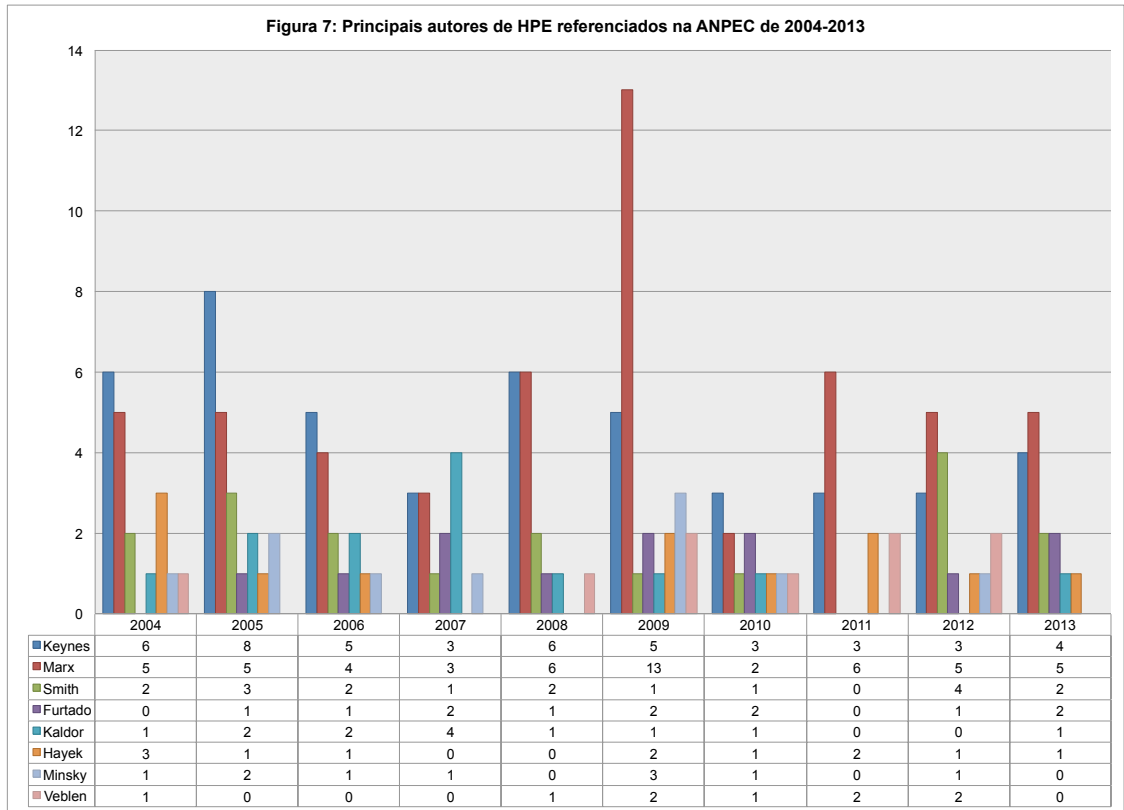


Fonte: Elaboração própria dos autores.

No entanto, o que realmente chama a atenção é a magnitude da coluna “diversos”, que sinalizam autores tanto da área de economia (como Kaldor ou Joan Robinson) quanto filósofos (como Quine ou Rorty) ou historiadores (como Braudel). A presença de autores fora do que usualmente se considera como o domínio próprio da economia mostra que a área de HPE/Metodologia, ao menos no Brasil, tende a ser transdisciplinar. No entanto, a variedade de autores pode ser um fator complicador, ao dificultar a criação de um espaço comum de diálogo e pesquisa. Tal dificuldade é

naturalmente menor para aqueles autores que trabalham com Marx, Keynes, Furtado ou Smith, pois a tradição de pensamento destes autores já está mais bem estabelecida. A questão pode ser mais complicada, contudo, quanto se trata de achar um espaço comum de diálogo para autores que, digamos pesquisem Rorty e Condillac.

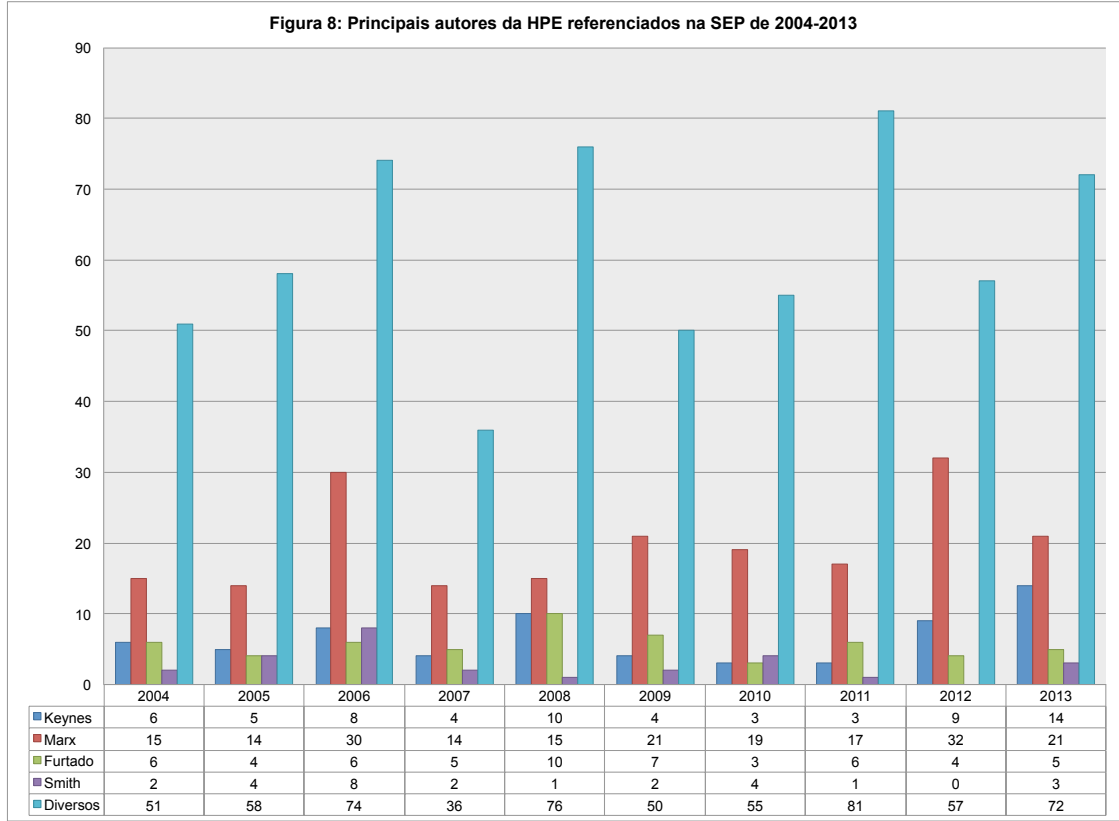
A figura 7 abaixo mostra os 8 teóricos mais referenciados entre os artigos apresentados na ANPEC entre 2004-2013. Observando os dados, pode-se fazer tentativamente uma divisão de 5 principais linhas de pesquisa específicas com base na semelhança entre os autores: há uma linhagem de Keynes-Kaldor-Minsky, uma com Smith-Hayek, outra com Furtado, uma com Marx e, por fim, uma com Veblen. Embora não seja tema deste artigo, pode-se investigar em outro trabalho a frequência com que Keynes aparece junto a Kaldor e Minsky, ou Smith com Hayek, ou Furtado com Prebisch, por exemplo. Ou seja, pode-se verificar como os autores brasileiros constroem seus argumentos fazendo uma rede conceitual proveniente de autores de uma dada linhagem de pensamento econômico.



Fonte: Elaboração própria dos autores.

Passemos agora para os autores mais estudados pelos pesquisadores que apresentam trabalhos na SEP. A figura 8 abaixo mais uma vez aponta o contraste com a

ANPEC: Marx certamente é o autor mais estudado pelos pesquisadores que participam do congresso da SEP, vindo Keynes em segundo lugar, bastante atrás. Furtado, que aparecia como um autor relevante na ANPEC, reaparece na SEP, mas com mais trabalhos a seu respeito. Smith também aparece como um autor relevante na SEP, mas não em um nível muito distinto daquele da SEP.

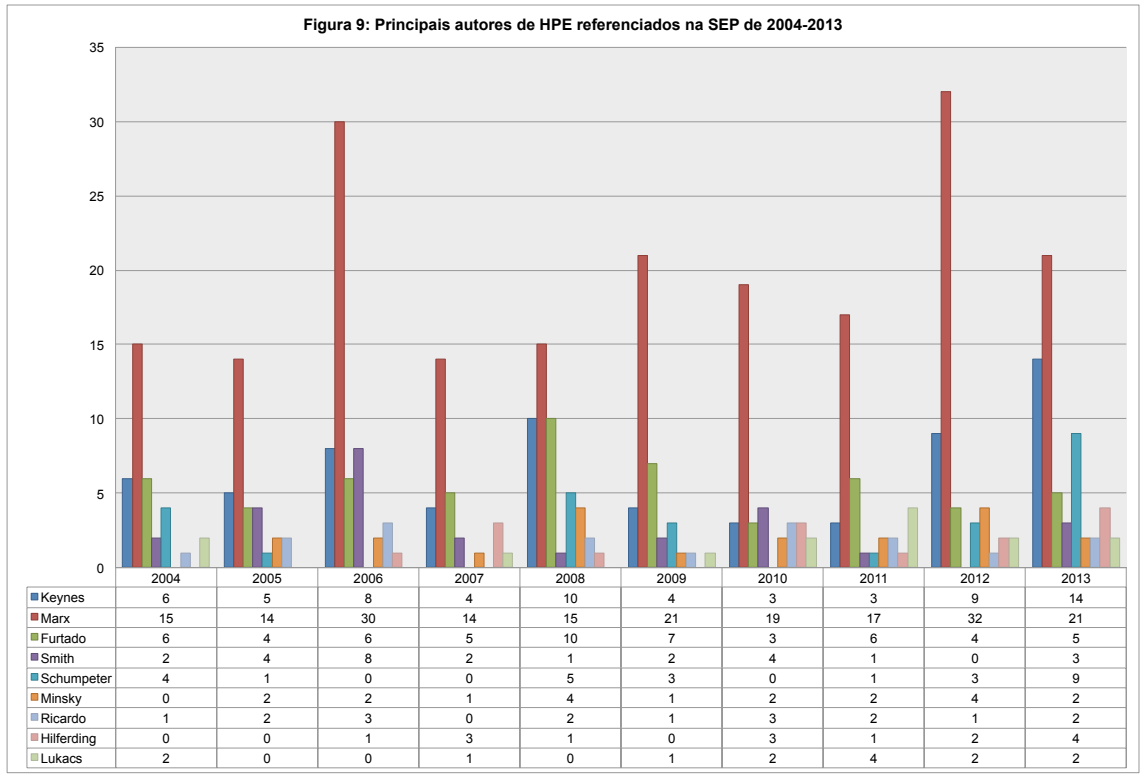


Fonte: Elaboração própria dos autores.

Como no caso da ANPEC, a magnitude da coluna “diversos” também sinaliza uma grande pluralidade de autores utilizados. No caso da SEP, a diversidade é ainda mais ampla que na ANPEC, chegando a mais de 80 citações no ano de 2011. Durante todos esses anos, o congresso da SEP acolheu trabalhos que estudavam autores não normalmente associados ao discurso econômico, como os escritores Machado de Assis e Daniel Defoe, o líder da revolução cubana Che Guevara e os filósofos alemães Immanuel Kant e Martin Heidegger. Como comentado no caso da ANPEC, essa pluralidade de autores parece trazer promessas e desafios: as promessas dizem respeito à possibilidade de construção de um pensamento econômico efetivamente rico e transdisciplinar, no mesmo momento em que traz o desafio de buscar um fundamento comum que possibilite o diálogo entre discursos tão diversos. No anexo deste artigo,

duas tabelas indicam o tamanho da variedade dos artigos pesquisados nos congressos da SEP e da ANPEC, mostrando a maior pluralidade da SEP.

A figura 9 aponta, como fizemos no caso da ANPEC, os teóricos em HPE/Metodologia mais referenciados pelos pesquisadores brasileiros que apresentaram trabalhos na SEP no nosso período de estudo. A diferença se dá com relação às cinco linhagens possíveis de pesquisa, que aqui são diferentes: temos Keynes aliado frequentemente a Minsky; Marx se associa com Hilferding e Lukács (e, às vezes, com Ricardo); Smith se aproxima não mais de Hayek, mas de Ricardo; ao passo que Furtado permanece sozinho. Schumpeter é um autor que aparece com frequência entre os artigos da SEP, algo que não acontecia na ANPEC (embora, na ANPEC, pudéssemos achar trabalhos “neo-schumpeterianos” com certa frequência).



Fonte: Elaboração própria dos autores.

Enquanto na ANPEC não se pode observar uma tendência nestes 10 anos na mudança de ênfase dos dois principais teóricos pesquisados – Marx e Keynes -- os dados da SEP igualmente não permitem dizer que há uma tendência a uma queda da predominância de Marx na SEP: houve apenas três anos – 2004, 2007 e 2008, onde Marx apareceu mais próximo dos outros autores. Por sua vez, 2012 foi o ano em que

Marx mais apareceu com maior frequência entre os trabalhos apresentados na SEP – mais de 30 vezes.

4. Conclusão do trabalho e desenvolvimentos futuros

Este trabalho procurou investigar a produção em HPE/Metodologia no Brasil empiricamente a partir de dois dos principais congressos de economia do país – SEP e ANPEC, nos últimos 10 anos. Tal empreitada, além de cansativa, pode ser objeto de crítica em duas frentes: em primeiro lugar, pode-se dizer que realizar tal trabalho não seria significativo ou útil, pois os dados estão disponíveis online: bastaria a alguém interessado na área de HPE/Metodologia verificar quantos e quais são os artigos produzidos nesta área em cada ano. Não haveria necessidade de coleta de dados para isso.

Em segundo lugar, pode-se afirmar que já se sabe de antemão que o número de artigos da área de HPE/Metodologia não pode variar grandemente de ano a ano. Essa constância ocorreria pois os congressos estudados possuem um limite máximo de artigos a serem aprovados por área, de forma que não há grande variabilidade na porcentagem de artigos aprovados da área com relação às demais de ano a ano. Isto também já se saberia com antecedência.

Podemos responder a essas duas possíveis críticas assinalando que nosso objetivo não era apenas fazer uma contagem de artigos ou calcular sua porcentagem sobre o total de artigos apresentados. Gostaríamos de mostrar, principalmente, de que forma os discursos da área de HPE/ Metodologia poderiam influenciar outras áreas da economia. Também gostaríamos de verificar quais seriam os teóricos mais estudados pelos pesquisadores brasileiros. Para isso, foi necessário não apenas um trabalho de coleta e contagem de dados – parte sem dúvida indispensável do artigo -- mas também a elaboração de uma metodologia de pesquisa específica.

Como resultado de nossa pesquisa, mostramos que há, de fato, alguma permeabilidade da área de HPE/Metodologia com relação aos outros domínios da economia. Mostramos ainda que esta permeabilidade é maior no caso do congresso da SEP, embora ela exista também no caso da ANPEC. Mostramos ainda que há uma enorme pluralidade de autores investigados pelos pesquisadores brasileiros e que, no caso da SEP, eles frequentemente saem das fronteiras do que burocraticamente denominamos “economia”. Contudo, não está claro como se pode criar um diálogo

diante de tamanha diversidade que, do ponto de vista da transdisciplinaridade, seria desejável. Por outro lado, também há concentração em grandes autores clássicos – Marx, Keynes, Smith, Furtado – onde o diálogo entre os pares certamente é mais fácil.

Pode-se sugerir que o lado positivo desta concentração nesses autores está na possibilidade de construção e sedimentação de linhas de pesquisa em economia alternativas no Brasil, distintas daquelas de outros países. Por outro lado, vários temas que poderiam ser de interesse para o próprio pensamento econômico brasileiro – por exemplo, o problema da especificidade histórica das ciências sociais, caro aos pensadores alemães do meio para o fim do século XIX – são muito pouco estudados. Quando o são, são obra de apenas um ou dois pesquisadores que dificilmente conseguem dialogar a respeito com seus pares, dada a diversidade temática e autoral que permeia a pesquisa na área de HPE/Metodologia no Brasil.

O artigo traz ainda a possibilidade de gerar pesquisas futuras. Como foi aventado na subseção 3.3, é possível mostrar quais são as “redes conceituais” possíveis de serem formadas a partir do trabalho de certas linhagens de pensamento – por exemplo, linhagens a partir de Keynes, Marx ou Smith.

Também é possível mostrar de onde vêm os artigos de HPE/Metodologia produzidos no Brasil. Quais são os Estados e universidades que mais produzem na área? Existe, ao menos com base nos dados estudados, a formação de algum embrião de rede de pesquisa específica na área de HPE/Metodologia? Estas são questões que podem ser trabalhadas em futuros artigos.

5. Referências

- ARIDA, P. *A História do Pensamento Econômico Como Teoria e Retórica*. In: GALA, P. e REGO, J. M. *A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica*. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- BOIANOVSKY, M. e BACKHOUSE, R. *Disequilibrium Macroeconomics: An Episode In The Transformation of Modern Macroeconomics*. Paper apresentado no 34o Encontro Nacional da ANPEC, Natal, Rio Grande do Norte, 2005.
- COLANDER, D., HOLT, R., ROSSER, J. B., Jr. *The Changing Face of Mainstream Economics*. *Review of Political Economy*, 2004, 16 (4), 485-499.
- DAVIS, J. B. *The Turn in Economics: Neoclassical Dominance to Mainstream Pluralism?* *Journal of Institutional Economics*. 2006, 2 (1), 1-20.

- DEQUECH, D. *Neoclassical, mainstream, orthodox and heterodox economics*. Journal Post Keynesian Economics. Vol 30 (2), 279-302.
- FEYERABEND, P. *Contra o Método*. São Paulo. Ed. Da UNESP, 2007 [1978].
- GEORGESCU, ROEGEN, N. *The Entropy Law and the Economic Process*. Harvard: Harvard University Press, 1999 [1971].
- KUHN, T. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 5ª Ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997 [1962].
- MALTA, M. M. *Ecos do Desenvolvimento: Uma História do Pensamento Econômico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IPEA, 2011.
- POPPER, K. *Conjecturas e Refutações*. 3ª Ed. Brasília: Ed. Da UnB, 1994 [1963]
- WEINTRAUB, R. *The Future of the History of Economics: Annual Supplement to Volume 34 of the History of Political Economy*. Duke: Duke University Press, 2002.

ANEXO – Ranking dos principais autores referenciados na ANPEC e SEP entre 2004-2013

Total ANPEC 2004-2013

Marx	54
Keynes	46
Smith	18
Furtado	13
Kaldor	13
Hayek	13
Minsky	10
Veblen	9
Hodgson	9
Marshall	8
Kalecki	8
Ricardo	7
Polanyi	7
Lucas	6
McCloskey	5
Pigou	5
Sraffa	5
Hegel	5
J. S. Mill	5
Friedman	4
Schumpeter	4
Daly	3
Robinson	2
Simon	2
Diversos	252

Total SEP 2004-2013

Marx	198
Keynes	66
Furtado	56
Smith	27
Schumpeter	26
Minsky	20
Ricardo	17
Hilferding	15
Lukacs	14
Lenin	13
Braudel	12
Sraffa	11
Bhaskar	11
Kalecki	10
North	10
Mandel	10
Prebisch	9
R. Marini	9
Veblen	9
Caio Prado	9
Hayek	9
Chesnais	8
Popper	8
J. S. Mill	8
F. H. Cardoso	7
McCloskey	7
Lawson	7
Marshall	7
Friedman	7
R. Fausto	6
Nelson	6
Engels	6
Sen	6
Chico de Oliveira	6
Aglietta	6
Habermas	5
Faoro	5
Hodgson	5
Hume	5
Jevons	5
Mises	4
Hirschman	4
Postone	4
Tavares	4
Hegel	4
Wallerstein	4
Gramsci	4
Bukharin	3
Kant	3
E. Prado	3
Williamson	3
Davidson	2
Moraes Neto	2
Holanda	2
Shaikh	2
Bohm-Bawerk	2
Lange	2
Lefebvre	2
Kautski	2
Diversos	218